

12 de agosto de 2025
Terça-feira da XIX Semana do Tempo Comum
“O Senhor lidera a guerra”

Dt 31,1-8

Moisés dirigiu-se a todo Israel com as seguintes palavras: 'Tenho hoje cento e vinte anos e já não posso deslocar-me. Além do mais, o Senhor me disse: 'Não atravessarás este rio Jordão', 'É o Senhor teu Deus que irá à tua frente; ele mesmo, à tua vista, destruirá todas essas nações, para que ocupes suas terras. Josué passará adiante de ti, como disse o Senhor. E o Senhor fará com esses povos o que fez com Seon e Og, reis dos amorreus, e com suas terras, que ele destruiu. Quando, pois, o Senhor os entregar a vós, fareis com eles exatamente o que vos ordenei. Sede fortes e valentes; não vos intimideis nem tenhais medo deles, pois o Senhor teu Deus é ele mesmo o teu guia, e não te deixará nem te abandonará'. Depois Moisés chamou Josué e, diante de todo Israel, lhe disse: 'Sê forte e corajoso, pois és tu que introduzirás este povo na terra que o Senhor sob juramento prometeu dar a seus pais, e és tu que lhe darás a posse dela. O Senhor, que é o teu guia, marchará à tua frente, estará contigo e não te deixará nem te abandonará. Por isso, não temas nem te acovardes'.

Moisés está a chegar ao fim da vida, já não tem forças para sair para o combate. A sucessão está planejada: Josué assumirá a liderança do povo. Mas quem se encarregará das lutas? O texto diz-nos com toda a clareza que será o Senhor a liderar as guerras em favor do seu povo. Neste caso, trata-se de uma guerra física.

Para nós, homens deste tempo, é estranho pensar desta forma, pois associamos Deus e o Seu Ungido, o nosso Senhor Jesus Cristo, à paz. Sim, Jesus é o Príncipe da Paz!

Mas será que a paz é sempre o caminho mais adequado?

Na história de Santa Joana d'Arc, vemos como ela, a pedido de Deus, liderou a guerra contra a ocupação inglesa em França. Quando o rei francês Carlos VII começou a negociar com os seus adversários, ela o advertiu e fez de tudo para continuar as batalhas e libertar a sua nação. Ela sabia que aquele era o momento de lutar!

Podemos pensar que o rei teria escolhido a melhor opção: encontrar uma solução pacífica através de negociações. No entanto, a realidade foi que, devido a essas negociações, a guerra prolongou-se por muitos anos, causando grande sofrimento. Se o rei tivesse seguido o conselho de Joana d'Arc, a guerra teria terminado em pouco tempo, como esta previu.

Para não dar margem a mal-entendidos, é importante esclarecer que a paz é,

evidentemente, um bem enorme e que devemos fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para que os homens possam viver em paz.

No entanto, devemos ter consciência de que vivemos num mundo separado de Deus, de que o homem se encontra num estado decaído e de que existem forças do mal. Por estas razões, uma guerra pode por vezes ser inevitável, por exemplo, para evitar a propagação do mal. Neste sentido, a guerra faz parte do mundo decaído.

É com este pano de fundo que devemos compreender a leitura de hoje. Os povos aqui mencionados praticavam abominações aos olhos de Deus. Por isso, o Senhor decidiu aniquilá-los e dar a sua terra a Israel. Este, por sua vez, deveria viver de acordo com os mandamentos de Deus e ser um povo santo.

Até que chegue o tempo em que Deus separe definitivamente a luz das trevas, faz parte da nossa existência rejeitar o mal e promover o bem. No final, os dois campos ficarão separados de uma vez por todas. A nossa fé descreve o inferno como o lugar da ausência de Deus, ao passo que o céu é o lugar da união plena de amor com Ele.

A guerra física, por mais dolorosa que seja e embora deva ser evitada, pode tornar-se um meio de limitar a expansão do mal. Se for necessário entrar em guerra por este motivo, o Senhor estará do lado daqueles que lutam contra o mal.

Isto também podemos constatar nas guerras que a cristandade travou ao longo da história para se defender da conquista islâmica. As vitórias são particularmente atribuídas à intercessão da Virgem. Portanto, o processo para alcançar a paz pode implicar uma fase de guerra.

No entanto, para nós, cristãos, o combate espiritual é mais importante. Diariamente, enfrentamos o desafio de rejeitar o mal e esforçar-nos pelo bem, pois há uma batalha entre o bem e o mal no nosso interior, como nos diz o apóstolo Paulo (cf. Rm 7, 21-23).

A rebelião original do anjo caído e da sua comitiva reflete-se no nosso interior e no mundo que nos rodeia, tanto no invisível como no visível. Em todos esses campos, somos chamados a lutar de forma adequada e isso vale até ao fim dos tempos ou, a nível pessoal, até à hora da nossa morte.

Devemos ser realistas: enquanto vivermos na Terra, não haverá uma época totalmente pacífica nem um mundo plenamente ordenado segundo Deus. No entanto, isso não significa que não devamos lutar dia após dia para sermos uma luz neste mundo e dar o nosso contributo. O mesmo acontece com a luta espiritual a nível pessoal: não terminará até ao fim da nossa vida e, dia após dia, somos chamados a recorrer às armas

espirituais, como São Paulo nos exorta em Efésios 6.

O nosso coração é o principal campo de batalha a nível espiritual! É aí que devemos resistir ao mal, moderar as nossas paixões, aspirar às virtudes e permitir que o Espírito Santo afugente as nossas sombras com a sua luz.

Quanto mais profundamente estivermos ligados a Deus, melhor poderemos enfrentar os ataques dos demônios, pois então o próprio Senhor liderará as nossas guerras e aniquilará os "reis amorreus". Ele tirará aos demônios os territórios que conquistaram através do pecado dos homens e assim poderemos tomar posse dessas terras.

As guerras são, portanto, inevitáveis. Devem ser travadas com o espírito adequado para que seja o Senhor a lutar por nós.